



CENTRO E CENTRALIDADE URBANA: UMA ANÁLISE DA PEQUENA CIDADE DE PEABIRU (PR), BRASIL

CENTRO Y CENTRALIDAD URBANA: UNA ANÁLISE DE LA PEQUEÑA CIUDAD DE PEABIRU (PR), BRASIL

CENTER AND URBAN CENTRALITY: AN ANALYSIS OF THE SMALL TOWN OF PEABIRU (PR), BRAZIL

Marcos Clair Bovo

Professor Adjunto do Colegiado de Geografia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão. Avenida Comendador Norberto Marcondes, 733, CEP: 87303-100, Campo Mourão - PR. E-mail: mcbovo@yahoo.com; mcbovo69@gmail.com

Michelli Alvares de Oliveira

Professora da Rede Estadual de Educação do Paraná. Graduada em Geografia pela Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão e pós-graduanda em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão. E-mail: michellialvares@hotmail.com

Resumo: A discussão sobre centro e centralidade urbana é muito relevante para a Geografia, pois contribui para desvendar as especificidades das cidades, tendo em vista a sua organização socioespacial. Assim, busca-se, neste artigo, analisar o centro e a centralidade urbana da pequena cidade de Peabiru-PR. A partir desses conceitos, realizamos reflexões em duas escalas diferentes: a intra e a interurbana, cujos processos ocorrem de forma articulada. Dessa maneira, para que ocorram desenvolvimento e urbanização nas pequenas cidades, é necessário que exista, nesse espaço, um centro de influência e, conseqüentemente, centralidades. É nesse contexto que Peabiru apresenta características de agentes sociais interligados por poucas avenidas e ruas, mas que influenciam grande parte da população local. Através da análise das principais funções dos agentes sociais e das áreas de influência de cada centralidade, identificamos qual é a área central e quais ruas e avenidas possuem centralidade.

Palavras-Chave: Centro; centralidade; pequena cidade; espaço urbano.

Resumen: El debate sobre centro y centralidad urbana es muy relevante para la Geografía, pues contribuye para revelar las especificidades de las ciudades considerando su organización socio espacial. Así, objetivase en este artículo analizar el centro y el centralidad la pequeña ciudad de Peabiru-PR. Partiendo de estos conceptos, realizamos reflexiones en dos niveles diferentes: la intra e inter urbana, cuyos procesos ocurren de forma conjunta. De esta forma, para que ocurran desarrollo y urbanización en las pequeñas ciudades es necesario que exista, en este espacio, un centro de influencia y, conseqüentemente, centralidades. Es en este contexto que Peabiru presenta características de agentes sociales adosados por pocas avenidas y calles, pero que influncian grande parte de la población local. A través de analice de las principales funciones de los agentes sociales y de las áreas de influencia de cada centralidad, identificamos cual es el área central y cuales calles y avenidas posen centralidad.

Palabras clave: Centro; centralidad; ciudad pequeña, espacio urbano

Abstract: The discussions about center and urban centrality are very relevant for Geography, since it helps to unravel the specificities of cities, considering their social and spatial organization. Thus, in this article, analyze the center and the urban center of the small town of Peabiru –PR. From these concepts, we performed reflections on two different scales: intra and intercity, whose processes occur in an articulated manner. This way, for the development and urbanization to be possible in small towns, there must be a center of influence and, consequently, centralities in this space. It is in this context that Peabiru presents characteristics of social agents connected by few roads and streets, but influence much of the local population. Through the analysis of the main functions of social agents and the areas of influence of each centrality, we have identified which is the central area and which streets and avenues have centrality.

Keywords: Center; centrality; small town; urban space.

Introdução

No espaço urbano brasileiro, a existência de pequenas cidades é evidente. Logo, torna-se necessário compreender de que forma estão organizados os processos e as formas espaciais que compõem essas cidades, e realizar uma análise da forma como os agentes sociais atuam na estruturação e, principalmente, na composição do centro urbano das mesmas.

A cidade de Peabiru (PR), localizada na mesorregião Centro-Ocidental Paranaense, é considerada uma pequena cidade ou uma cidade local, conforme REGIC (Região de influência das cidades, 2008), por apresentar baixa população e pouca representatividade na rede urbana paranaense.

Considerando que Peabiru apresenta concentração de atividades econômicas e socioculturais em determinadas áreas da cidade, gerando, dessa forma, centralidades interurbanas, será delimitado, neste estudo, o centro da cidade, bem como a centralidade de maior influência sobre a população urbana e rural.

Para a delimitação da área central e das principais centralidades da cidade, faz-se necessário, inicialmente, compreender o processo de desenvolvimento urbano, observando as mudanças na centralidade de Peabiru, além de análise das áreas influenciadas pela centralidade. Nesse sentido, o presente artigo encontra-se estruturado em três partes. Na primeira, serão analisados os conceitos de pequena cidade, espaço urbano, centro urbano e centralidade. Na segunda, apresentamos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Na última parte, apresentamos as análises e observações realizadas *in locu*, considerando o processo de constituição do centro urbano e da centralidade da cidade, e destacando a coleta de dados sobre o comércio e os serviços públicos e privados existentes na área central e suas espacializações.

Pequenas cidades e o espaço urbano

Os estudos referentes às pequenas cidades brasileiras são recentes nas pesquisas vinculadas ao tema urbanização. Na maioria desses casos, os estudos sobre a importância e a representação social econômica e cultural das cidades são realizados em médios e grandes centros urbanos, por apresentarem um nível funcional mais complexo, com intensa concentração de atividades e serviços.

Conforme ressalta Corrêa (1999, p. 45), “a complexidade delas [grandes cidades] inclui, adicionalmente, problemas específicos, de maior visibilidade, levando, com razão, à concentração de esforços de reflexão nelas”. No entanto, sem diminuir a importância dos estudos sobre as grandes cidades, deve-se observar que as pequenas cidades também necessitam de um olhar voltado sobre elas.

Pesquisas nas pequenas cidades são fundamentais para a consolidação dos estudos urbanos, pois estas representam uma parcela expressiva de pontos da rede urbana, por constituir o limiar entre o urbano e o rural, por concentrarem significativa parcela da população, além de, muitas vezes, funcionarem como reservatório de mão-de-obra (CORRÊA, 2009).

É importante enfatizar que o olhar para as pequenas cidades não está isolado do restante da rede urbana. Pois as dinâmicas dessas localidades em interação com os demais centros urbanos, e o fluxo humano existente entre eles, é que permite a existência de uma rede urbana que interliga diversos fatores, os quais consolidam a base social e econômica de um país.

As cidades atingem várias escalas de aglomeração humana, partindo das pequenas vilas até as grandes cidades (IBGE), pois, de acordo com Damiani (2006, p. 144), “O processo geral de urbanização é um fenômeno múltiplo, diferenciado e multidimensional, de caráter mundial. E essa mundialidade atravessa inclusive as pequenas cidades”.

Para caracterizar uma cidade como sendo pequena Fresca (2010) destaca que a palavra pequena é um adjetivo, que remete à noção de tamanho, dimensão e, no caso das cidades, a uma associação entre pequeno número de habitantes com pequena área - no sentido mensurável - ocupada por uma cidade.

De acordo com o IBGE (2011), as pequenas cidades são as que possuem população inferior a 100 mil habitantes. Da mesma forma, o instituto considera as cidades que possuem população entre 100.000 e 500.000 como médias, e as acima de 500.000, como grandes.

Dentre as 5.565 cidades brasileiras, 5.282 estão na categoria de pequenas (Tabela 01). Dessa forma, as pequenas cidades representam 95% do total de municípios brasileiros. Além disso, quase metade de toda a população brasileira se concentra nos pequenos municípios. No estado do Paraná, dos 399 municípios existentes, 383 têm suas sedes como pequenas cidades, concentrando 52% da população paranaense nesses pequenos espaços urbanos (Tabela 02). Evidencia-se, dessa forma, a importância das pequenas cidades dentro do contexto urbano atual.

Tabela 1 - Classificação dos municípios brasileiros.

Tamanho dos Municípios	População	População	Nº de Municípios	Nº de Municípios
	Absoluto	%	Absoluto	%
Pequenos	86.319.122	45,3	5.282	95
Médios	48.565.171	25,4	245	4,4
Grandes	55.871.506	29,3	38	0,6
Brasil	190.755.799	100	5.565	100

Fonte: IBGE, censo 2010. (Organizado pelos autores)

Tabela 2 – Classificação dos municípios paranaenses.

Tamanho dos Municípios	População	População	Nº de Municípios	Nº de Municípios
	Absoluto	%	Absoluto	%
Pequenos	5.515.520	52	383	96
Médios	2.670.398	27	14	3,5
Grandes	2.258.608	21	2	0,5
Paraná	10.444.526	100	399	100

Fonte: IBGE, censo 2010. (organizado pelos autores)

Devemos considerar, todavia, que a classificação das cidades deve ir além do número de habitantes, pois este critério apresenta-se apenas como um elemento. A definição de uma pequena cidade depende do contexto regional em que ela está inserida, e do grau de acessibilidade e centralidade que esta possui. Ao mesmo tempo, são as relações presente na localidade que vão definir a verdadeira realidade dessas cidades.

Santos (1982) conceituou as cidades locais. Dessa forma, podemos assimilar também o conceito de pequena cidade para o autor: “aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1982, p. 71). O estudioso afirma, ainda, que o crescimento dessas localidades depende da economia local. Dessa forma, percebe-se que essas cidades não estão isoladas entre si: dependem do contexto econômico, social e cultural presente nas localidades vizinhas, e/ou das cidades de porte maior situadas na região.

Corrêa (1999) destaca que as pequenas cidades geram, via de regra, expressiva densidade de centros que se situam a uma pequena distância média entre si, ainda que esta possa variar de acordo com a densidade demográfica da região em que se localizam. Em regiões densamente povoadas, o número de centros é elevado,

e a distância média entre eles é pequena; nas regiões escassamente povoadas, ao contrário, o número de centros diminui, aumentando a distância média entre eles.

Ainda para o mesmo autor, a elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, da necessidade de uma economia de mercado, por mais simples que seja, geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial do trabalho. De outro lado, derivam-se elevadas densidades demográficas associadas a uma estrutura agrária voltada ao pequeno estabelecimento rural ou *plantations* caracterizados pelo trabalho intensivo.

Outra característica peculiar às pequenas cidades é a visão de “periferia”, associada ao local onde residem famílias de baixa renda. Spósito (2004) argumenta que as cidades brasileiras tiveram suas estruturas urbanas orientadas por uma relação na qual as áreas centrais caracterizam-se como melhor equipadas, e as periféricas, pelo uso residencial dos seguimentos de menor poder aquisitivo.

Devido à ausência de produção e comercialização de determinados produtos modernos e industrializados, os moradores das cidades pequenas se deslocam para outras localidades, de maior nível funcional, para adquirirem determinados produtos e serviços especializados. Isso ocorre em várias cidades locais (como é o caso Peabiru).

Em alguns casos, a pequena cidade possui oferta de determinado produto, mas, devido aos custos agregados ao transporte e ao pouco lucro, o valor do produto aumenta. Dessa forma, os consumidores buscam o mesmo produto em cidades maiores. A saúde, por exemplo, é um serviço em que essa realidade se torna evidente. Constantemente, as prefeituras de cidades pequenas oferecerem transporte para a população se deslocar até cidades maiores em busca de assistência médica, devido à ausência de especialistas e aparelhos mais complexos na própria cidade.

De acordo com Santos (1979, p. 20), “os que não podem se deslocar e que são prisioneiros do comércio local, recorrem necessariamente ao sistema de distribuição do circuito inferior”. Ou seja: nas pequenas localidades, o comércio moderno torna-se menos importante, levando o comércio não-moderno a tornar-se relativamente mais importante.

Há ainda alguns habitantes que optam pelo comércio via internet, o que torna a pequena cidade funcional indiretamente, pois os bens não encontrados no comércio podem ser adquiridos por meio virtual, o que não diminui a pouca influência exercida pelas pequenas cidades sobre seus moradores em relação à oferta de bens e serviços.

Nesse caso, Peabiru enquadra-se como pequena cidade, visto que possui uma população inferior a 20 mil habitantes, e está inserida em um contexto regional, não exercendo influência sobre outras cidades. Outra característica pertinente é que sua economia baseia-se na agricultura, sendo que as grandes cooperativas são sediadas na cidade vizinha, Campo Mourão, gerando, para o município, a necessidade de uma economia de mercado mais eficaz para um melhor desenvolvimento.

Dessa forma, são importantes as políticas públicas que beneficiem e organizem diretrizes norteadoras do planejamento urbano. Essas medidas devem contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e para melhorar a qualidade de vida nessas cidades, visto que é evidente que o investimento nesse segmento é feito com maior expressão nos grandes centros urbanos.

Para entendermos as pequenas cidades, faz-se necessário uma discussão a respeito do espaço urbano. Para Corrêa (1989), o espaço urbano constitui basicamente a forma como está organizado o uso da terra. Todas as partes desse espaço estão intimamente ligadas entre si, e são fragmentos de um todo que constitui a organização espacial presente na cidade. O contexto histórico da organização desse espaço é construído de acordo com a sociedade que nele vive. Dessa forma, é produto social, resultado de ações de âmbito econômico, social e cultural.

Para Corrêa (1989, p. 7), o espaço urbano constitui-se em um conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Assim, tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços, áreas industriais, áreas residenciais. Esse complexo conjunto de usos da terra é o espaço urbano, espaço este que está em constante mudança, e que possui aspectos que o tornam desigual em sua amplitude.

Diante dessa situação, compreendemos o espaço urbano como objeto materializado, ou seja, a cidade. Silveira (2003) ressalta que existe a necessidade de um número mínimo de habitantes estar aglomerado para a consolidação do espaço urbano. Para o autor, o espaço urbano pode ser definido pelas características demográficas, de sua morfologia, de suas funções e do seu papel econômico e social.

Além disso, o espaço urbano adquire características culturais e valores da população que vive nas cidades, sendo essas características mais evidentes e acentuadas nas pequenas cidades:

A cidade é um centro de gestão do território não apenas enquanto sede de empresas, mas também enquanto sede de poder religioso e político. Além disso, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e

consumidos; uma cidade é um local onde as pessoas se organizam e se interagem com base em interesses e valores diversos, formando grupos de afinidade e de interesse, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobiçados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar (SOUZA, 2003, p. 28).

É nesse contexto que percebemos que o espaço urbano torna-se desigual em sua amplitude, pois as diferenciações territoriais ocorrem mediante valores materiais (uso da terra) e também nos valores imateriais (culturas).

Para Santos (1993), não é somente a questão econômica que vai diferenciar o homem no espaço, mas também a herança social. Dessa forma, o lugar em que os habitantes ocupam, tanto no campo como na cidade, é parte essencial da reprodução original dessas populações, ou seja, da manutenção das relações sociais desiguais:

O espaço urbano capitalista é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem (CORRÊA, 1989, p.11).

Dessa forma, o centro urbano consolida-se como núcleo de comando para a economia capitalista, onde o capital concentra os seus meios de produção e circulação e, por conseguinte, estrutura as relações sociais às suas necessidades de reprodução. Portanto, a cidade se produz pautada em espaços fragmentados, nos quais o capital limita e diferencia a apropriação e uso do solo urbano, segrega classes e camadas sociais.

Segundo Santos (1997), o espaço é essencialmente contraditório, construindo-se no movimento das contradições do processo de reprodução da totalidade social. É um espaço que, para o processo produtivo, une os homens, e é um espaço que, por este mesmo processo, os separa. O espaço urbano é, enfim, mercadoria sustentada de preço e especulação capitalista. Dessa forma, está carregado de desigualdades, evidentes principalmente pela existência das classes sociais, que acaba delimitando a aquisição de porções do espaço urbano aos que possuem poder aquisitivo menor. Nesse sentido, para compreender o desenvolvimento de uma cidade, é preciso destacar que, para que exista uma urbanização, é necessária a existência de um centro e, conseqüentemente, de centralidades dentro desse espaço.

Centro e centralidade urbana

Para Lefebvre (1999, p. 93), “Não existe cidade, nem realidade urbana sem um centro. Mais que isso, o espaço urbano, é um espaço onde cada ponto, virtualmente, pode atrair para si tudo o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas”.

O local considerado centro em uma cidade é, na maioria das vezes, onde se concentram as principais atividades econômicas e os principais agentes imobiliários da cidade. Além disso, segundo Castells (2009, p. 311), “Centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades e, daí, a criação das condições necessárias à comunicação entre os atores”.

De acordo com Castells (2009), os centros urbanos estão divididos em algumas atividades fundamentais: comércio, gestão administrativa, financeira e política. Além disso, outro condicionante fundamental, principalmente nas pequenas cidades, são as atividades religiosas, representadas, principalmente, pela igreja católica.

Já no que diz respeito à centralidade urbana, esta área consegue uma ampliação, de forma que se difere do centro, pois as centralidades podem ser consideradas os locais ao entorno do centro, ou simplesmente as áreas influenciadas por todos os fatores existentes no centro, mas não possuindo alguns equipamentos urbanos que só estão presentes no centro.

Segundo Corrêa (1994, p. 21), “A centralidade de um núcleo, refere-se ao grau de importância de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central e maior a sua centralidade”. Ou seja: trata-se dos espaços que serão influenciados diretamente pela área central da cidade.

De acordo com Sposito (1996, p. 120), a centralidade “diz respeito aos fluxos, à fluidez, ou seja, é a expressão da dinâmica da definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade”. Assim, correspondem às áreas de atração desse fluxo, que concentram fatores econômicos, sociais e culturais, que se tornam a força da rede urbana das pequenas cidades.

Sposito (2001) afirma que, embora o centro se revele por determinados atributos localizados ou fixados no território, a centralidade se desvela pelo que se movimenta no território. Ou seja: “a centralidade pode ou não ser fugaz, efêmera ou transitória, porque ela não se institui apenas pelo que está fixo no espaço, mas pelas

mudanças ocorridas no decorrer do tempo, no uso, apropriação e sentido dados aos espaços e deles apreendidos” (SPOSITO, 2001, p. 239).

Para Endlich (2006), as pequenas cidades

[...] ganham novos significados, extrapolando o costumeiro papel de localidade central. Por isso, com a redução da centralidade elas não são insignificantes, por mais que se encontrem fragilizadas. Entretanto esses novos papéis não possuem um esquema explicativo regular, embora os processos apresentem tendências parecidas. A multiplicidade e diversidade de situações destas cidades indicam que o entendimento das mesmas no âmbito da rede urbana precisa considerar vários elementos, denotando certa complexidade, de qualquer maneira os papéis das pequenas cidades são reafirmados (ENDLICH 2006, p. 189).

Endlich (2006) alerta para a redução ou perda da centralidade nas pequenas cidades, porém destaca também as diversidades de situações que podem e devem ser compreendidas a partir de análises dos vários elementos da centralidade.

Para entendermos as diferentes escalas que a centralidade urbana pode abranger, vamos conceituar centralidade sob duas escalas territoriais:

A centralidade urbana pode ser abordada em duas escalas territoriais: a intra-urbana e a de rede urbana. No primeiro nível é possível focar as diferentes formas de expressão dessa centralidade tomada como referência o território da cidade ou da aglomeração urbana, a partir de seu centro ou centros. No segundo nível a análise toma como referência a cidade ou aglomerado urbano principal em relação ao conjunto de cidades de uma rede, essa por sua vez podendo ser vista em diferentes escalas e formas de articulação e configuração, de maneira a que se possam compreender os papéis da cidade central (SPOSITO, 1998, p. 27).

Segundo Sposito (1998, p. 35), “A centralidade urbana pode, então, ser trabalhada cada vez mais por meio da articulação entre suas duas escalas de expressão: a do espaço interno da cidade e da expressão de suas relações com outros espaços”. Nesse contexto, a constituição da centralidade intra-urbana constitui a pauta do presente estudo, pois a centralidade, sob o aspecto de rede urbana, não expressa ênfase em relação às cidades vizinhas. A cidade de Peabiru já teve relativa centralidade na rede urbana em décadas anteriores, mas, no atual momento, só expressa centralidade dentro do seu próprio limite urbano.

Bernardelli (2004) fez referência à perda de centralidade das cidades pequenas, sob aspectos de importância econômica:

A perda de centralidade de um núcleo e sua refuncionalização pode ocorrer vinculada, por exemplo, à produção exercida no campo,

relacionada tanto à ampliação da acessibilidade e barateamento dos custos de transporte quanto a alterações na estrutura agrária, da qual pode decorrer também diminuição da população e, daí, perda do mercado consumidor (BERNARDELLI, 2004, p. 35).

Nesse caso, Peabiru encontrava-se estruturada na agricultura, e, com o processo de modernização agrícola, houve a redução da população, tendo em vista que parte desta se deslocou para outros centros urbanos, ocasionando perdas econômicas principalmente no mercado consumidor local.

De acordo com a hierarquia urbana apresentada pelo REGIC (2008) e IBGE (2008), a relação que a cidade de Peabiru estabelece com outras cidades é praticamente nula no contexto regional, sendo esta classificada dentro da menor hierarquia de influência estabelecida. A cidade é considerada apenas um Centro Local que depende do Centro Sub-regional A (Campo Mourão), que, conseqüentemente, tem uma capital regional que é a cidade de Maringá. Esta, por sua vez, tem uma Metrópole de influência que é Curitiba, a capital do Estado do Paraná.

Diante disso, pode-se considerar o centro pelo que se encontra fixo no território; já a centralidade, pelo que no território se movimenta. A centralidade se presta a modificações que ocorrem em variações temporais mais curtas e inconstantes. Sposito (2001) ressalta que essa apreensão é resultante não apenas das relações decorrentes da articulação entre o que está fixo e o que está em movimento, mas das variações impressas e expressas nessa articulação no decorrer de determinados intervalos de tempo. Esses intervalos podem, inclusive, ser de curto período, estabelecendo diferenças de fluxos nas diversas áreas centrais, em diferentes horários de um mesmo dia ou entre diferentes dias da semana. Dessa forma, "a centralidade exercida pelo espaço urbano pode acentuar-se ou dissipar-se momentaneamente e em diferentes intensidades" (OLIVEIRA JUNIOR, 2008, p. 215).

Procedimentos metodológicos

Para a realização da pesquisa, organizamos o trabalho em três etapas:

- a) pesquisa bibliográfica ou referencial teórico-metodológico, tendo por base o levantamento de artigos, teses, dissertações, livros, e do plano diretor de uso e ocupação do solo de Peabiru.
- b) pesquisa *in locu* de todos os lotes existentes nas 25 quadras selecionadas, utilizando como apoio o mapa do perímetro urbano do município. Para os lotes, foram atribuídos números de acordo com a sua ocupação (comércio, serviços, residências,

etc.), que especificariam todos os serviços disponíveis na área central (vidraçaria, vestuário, padarias, etc.).

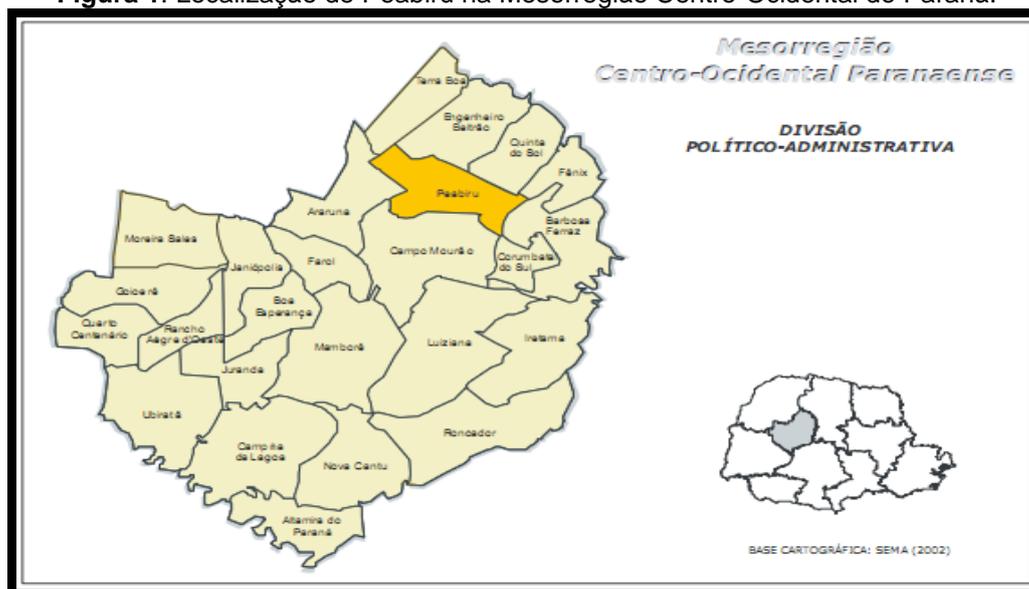
c) elaboração de mapas: a coleta de dados realizada *in locu* possibilitou a elaboração de mapas, nos quais foi delimitado o perímetro urbano e os lotes da área de estudo, utilizando o Corel Draw®. Os lotes foram agrupados de acordo com os elementos existentes e coloridos de acordo com a classificação dos equipamentos urbanos. Também foram elaborados mapas com base nos dados SRTM/NASA, utilizando-se primeiramente do programa Global Mapper, e finalizado no Corel. Além de imagens de satélite obtidas no software Google Earth, finalizadas também no Corel.

Todos os dados obtidos durante a pesquisa foram analisados levando em consideração os aspectos econômicos vivenciados pela cidade em décadas anteriores, destacando a situação econômica e sociocultural atual, e complementando os fluxos materiais e imateriais presentes nas áreas delimitadas.

Análise dos resultados

A presente análise objetiva apresentar uma reflexão acerca da centralidade interurbana de Peabiru (Figura 01). Dessa forma, serão apresentadas as áreas da cidade que influenciam diretamente a população e as que concentram as atividades comerciais, de serviços, e da gestão pública e privada da cidade.

Figura 1: Localização de Peabiru na Mesorregião Centro-Ocidental do Paraná.



Fonte: Plano Diretor de uso e ocupação do solo de Peabiru -2005.

A área urbana de Peabiru tem pouca influência no que diz respeito aos fluxos existentes com outras cidades (em relação ao fornecimento de bens e serviços), devido a sua mínima expressão regional; mas, no que diz respeito às relações entre a área urbana (Figura 2) e a área rural, verifica-se uma relação estreita, oferecendo ao comércio e aos serviços do município uma dependência do setor agrícola tendo, desta forma, como principais consumidores, os moradores das comunidades rurais pertencentes ao município, que se descolam semanalmente para a área urbana. A área central de Peabiru não representa sozinha a centralidade, no que diz respeito aos fluxos de mercadorias, produtos e pessoas, pois a rodovia BR-158, principal via de entrada e saída da cidade, também tem forte expressão socioeconômica. Assim sendo, delimitamos, nesta pesquisa, as áreas que influenciam diretamente a população e que concentram as atividades comerciais, de serviços, e da gestão pública e privada da cidade.

A área central de Peabiru está delimitada pelas Ruas Pastor Joel Dias Vilela, Modesto Saldanha, José Dias Aranha e João Albino Casali, e predomina o uso misto do solo urbano como: uso residencial, comércio (vestuário, móveis, etc), alimentação (lanchonetes, sorveterias, etc) e serviços diversificados (bancos, escritórios, casas lotéricas, etc).

Figura 2: Delimitação da área urbana do município de Peabiru-PR.



Fonte: Plano Diretor de uso e ocupação do solo de Peabiru -2005, adaptado da imagem de satélite do software Google Earth por: OLIVEIRA, M. A.

A área central possui relações constantes com todo o conjunto do espaço urbano de Peabiru, ou seja, é responsável principalmente pela articulação interna da cidade e também pela articulação com a população da área rural do município.

Dessa forma, as principais relações socioeconômicas da cidade e a concentração de atividades e serviços acontecem na área central delimitada neste estudo e em suas intermediações. Nessa área, o uso do solo apresenta características diversas (se comparada a outras áreas quase que exclusivamente residenciais presentes na cidade).

Nesse contexto, ficam evidentes as transformações socioespaciais que pelas quais a cidade de Peabiru passou desde seu surgimento até os dias atuais, principalmente no comércio local, que antes se baseava em comercialização de produtos básicos (as famosas lojas de secos e molhados ou as antigas autopeças), e hoje possui uma diversidade com média expressão.

De acordo com a análise realizada, verificamos que o município possui um centro principal, sendo este compreendido entre as Avenidas Raposo Tavares, Vila Rica ou São João e Doutor Didio Boscardin Bela, e a Rua Juvenal Portela. Todas elas estão nas intercessões da Praça Eleutério Galdino de Andrade.

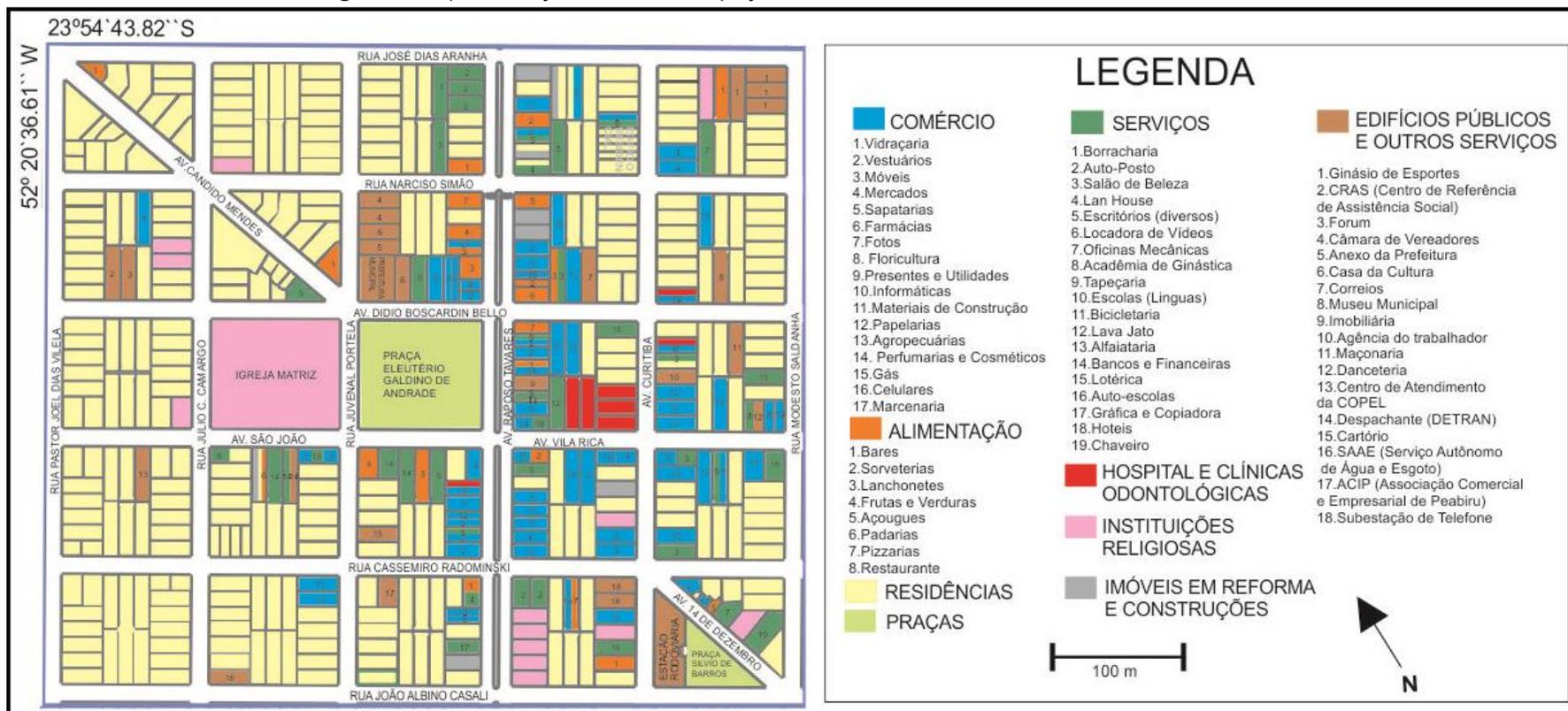
De acordo com a figura 3, as residências, no centro principal de Peabiru, representam uma área considerável. Contudo, em sua distribuição espacial, estas se intensificam nas áreas consideradas (Figura 3), prevalecendo, dessa forma, o uso do solo, no centro, por estabelecimentos de comércios e serviços, ou seja, as áreas ou quadras onde predominam residências expressam a principal centralidade urbana.

Na Avenida Raposo Tavares, observam-se as principais atividades comerciais, serviços e estabelecimentos alimentícios da cidade, com lojas varejistas de comércio de roupas, calçados, presentes e utilidades; panificadora, lanchonetes, sorveterias; floricultura; loja de cosméticos; imobiliária; estabelecimentos comerciais relacionados à informática; postos de combustíveis, seminário, etc.

Também na Avenida Raposo Tavares localiza-se a única imobiliária da cidade, mas a maior parte da comercialização de imóveis e negociações de aluguéis da cidade é feita particularmente pelos proprietários.

Na Avenida Vila Rica, concentram-se, além do comércio, a estrutura financeira da cidade, com agências bancárias, financeira e lotérica, além de uma concentração de consultórios odontológicos (alguns prestam atendimento aos moradores de cidades vizinhas). Esta avenida possui uma peculiaridade: duas denominações diferentes, uma a sudoeste da Praça (Avenida Vila Rica) e outra a noroeste (Avenida São João).

Figura 3: Espacialização do uso e ocupação do solo urbano na área central de Peabiru-PR.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Org: OLIVEIRA, M. A.

Formam-se, assim, na Avenida Vila Rica ou São João, os chamados espaços de coesão: movimento que concentra as atividades comerciais ou os serviços de uma cidade em um mesmo local ou rua(s) (mais característicos de centros urbanos de médio e grande porte), evidenciado pelo fato de as clínicas odontológicas estarem bem próximas e em outro local da avenida, e também os serviços bancários, ambos concentrados em lotes próximos.

Na Avenida Dr. Didio Boscardim Belo, estão presentes elementos de forte influência, como a Prefeitura Municipal, Casa da Cultura e o Museu Municipal, além de comércio, academia e correios.

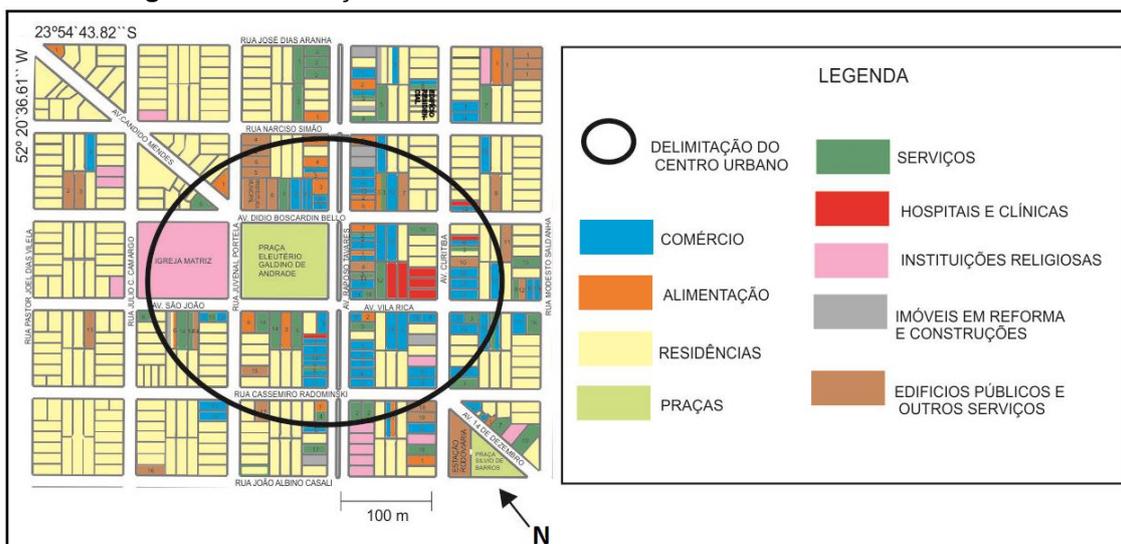
A Rua Juvenal Portela, que divide a Praça da Igreja Matriz, possui alguns equipamentos importantes, como anexo da Prefeitura Municipal (secretaria da agricultura, meio ambiente e educação), Câmara de vereadores, restaurante e comércio de materiais de construção.

Na Avenida Curitiba, localiza-se o único prédio residencial da cidade, e o único Hospital Municipal. Dessa forma, tem influência considerável sobre a maior parte dos moradores de Peabiru. Além disso, possui um comércio diversificado (com mercado, papelaria, agropecuárias, etc).

As demais ruas, José Dias Aranha, Narciso Simão, Pastor Joel Dias Vilela, Julio Carneiro Camargo, Modesto Saldanha e João Albino Casali, possuem equipamentos importantes, mas a maioria dos lotes é ocupada por residências. Dessa forma, representam a área de maior influência do centro urbano, ou seja, reaperceptam a principal centralidade encontrada no município, pois seus moradores buscam constantemente os comércios, serviços e alimentação oferecidos pelo centro (Figura 4).

Dentre os estabelecimentos, os empreendimentos na área central da cidade de Peabiru, destacam-se: floricultura, vidraçaria, marcenaria, lojas de informática, fotos, distribuidores de gás, lojas de aparelhos celulares, casas agropecuárias, lojas de perfumaria e cosméticos, móveis, sapatarias, casas de materiais de construção, papelarias, farmácias, lojas de presentes e utilidades e vestuários.

Figura 4: Localização do centro urbano e das centralidades de Peabiru-PR.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.
Org: OLIVEIRA, M. A.

Desse modo, a área central da cidade possui comércio diversificado, atendendo as necessidades básicas da maioria da população local. Alguns habitantes que necessitam de comércios específicos ou produtos não encontrados no comércio local buscam, na maioria das vezes, esses produtos no centro de médio porte mais próximo, como é o caso de Campo Mourão. De acordo com a figura 4, percebemos que a área central possui variável comércio de utilidades, por exemplo, mas na maioria desses comércios, os produtos encontrados são os mesmos, ou produtos muito parecidos, devido principalmente ao fato de a circulação de mercadorias ser fraca. Dessa maneira, a população, ao necessitar de um produto diferenciado, recorre a outras cidades.

Quanto ao setor alimentício, destacam-se, na área central, lanchonetes, sorveterias e pizzarias, bares, restaurantes, açougues e casas de frutas e verduras, mas todas atendendo ao mesmo padrão de produtos. Desse modo, ao anseio de parte da população por comércio alimentício diferenciado, busca-se, principalmente nos finais de semana, os estabelecimentos alimentícios da cidade de Campo Mourão.

Quanto às atividades de prestação de serviços existentes na área central, são bem reduzidas, apresentando diversidade escassa. Dentre os estabelecimentos, encontram-se oficinas mecânicas, academias de ginásticas, hotéis, bancos e financeiras, escritórios, salão de beleza, lan houses, chaveiro, gráfica copiadora, autoescola, lotérica, lava jato, locadora de vídeos, borracharia, bicicletaria, alfaiataria e escola de língua. É nesse sentido que se evidencia a falta de centralidade do

município dentro da rede urbana, justificando a centralidade intra-urbana ou, ainda, a centralidade no que diz respeito aos serviços da área central com a população rural.

Na área central, constatamos a presença de um número elevado de residências, mas, no que diz respeito ao número de clínicas médicas, o número é bem pequeno. Atendimentos médicos especializados praticamente não existem na cidade, pois os únicos atendimentos médicos são feitos no hospital municipal e no centro assistencial de saúde. Assim, os habitantes não têm alternativa: caso necessitem, têm de buscar esse atendimento em outras cidades, como Campo Mourão e Maringá.

Já no que diz respeito aos atendimentos odontológicos, a cidade conta com um razoável número de estabelecimentos. Além disso, o atendimento pode ser considerado de qualidade, mas as radiologias e a confecção de aparelhos odontológicos não são realizadas na cidade. As instituições religiosas são destaque na área central pelo seu elevado número. Além de igrejas evangélicas, na área central estão presentes o seminário e o convento.

A partir dos dados obtidos e das observações *in locu*, verificamos que a área central da cidade é onde se localizam os principais serviços e tipos de estabelecimentos comerciais, sendo este o principal aspecto que exerce atração da população para o centro da cidade. Vale ressaltar que a cidade passa, desde a década de 1970, por mudanças populacionais e, conseqüentemente, mudanças na estrutura urbana, decorrentes do processo de modernização agrícola, mas principalmente por administrações públicas de pouca qualidade, com conflitos extremos, no momento que em que a cidade poderia prosperar, fato que promove mudanças tanto em sua economia quanto em seu conteúdo físico e social.

Segundo Milani (2009), o fluxo de pessoas, mercadorias, automóveis, informações e ideologias constitui as principais características que definem uma centralidade. Apesar de a cidade possuir outras áreas que concentram comércio e serviços (BR-158), o centro de Peabiru exerce a centralidade mais importante.

Por conter empreendimentos comerciais, serviços, estabelecimentos alimentícios e instituições públicas, o centro, além de obter uma centralidade, resulta no aumento da demanda de consumidores de serviços e mercadorias em relação a outros locais da cidade, gerando uma centralidade no contexto intra-urbano.

As centralidades do município são consideradas como tais por não possuírem os equipamentos urbanos necessários para serem consideradas centro. Dessa forma, possuem fluxos de pessoas diferenciados, relações sociais características do centro,

mas os serviços e comércios não se concentram nessas áreas, por terem, na maioria de seus lotes, residências.

O centro consiste em um local onde se concentram não só equipamentos urbanos, mas também o núcleo de comunicação entre vários setores da cidade, que se mostra fragmentada, mas articulada pelas relações sociais.

Considerações finais

A pesquisa possibilitou identificar a área central de Peabiru, por possuir equipamentos urbanos importantes para a atração populacional. No caso da área estudada, bancos, comércio, serviços, ou seja, onde há circulação não só de mercadorias, mas também de relações sociais entre as pessoas (igrejas, praça, sorveterias e lanchonetes), adquirindo, assim, características próprias de uma pequena cidade.

A geração de empregos nessa área é relativamente baixa. Isso ocorre principalmente porque os estabelecimentos comerciais são de pequeno porte. Portanto, em muitos deles, a própria família é empregada e responsável por manter o funcionamento do comércio. Portanto, parte da população busca emprego ou está empregada em cidades próximas.

É importante enfatizar que a pequena cidade de Peabiru apresenta falta de emprego não somente no comércio, mas também em indústrias, pois a mesma não possui representatividade nesse ramo, o que dificulta ainda mais a oferta de emprego. Essas cidades são muitas vezes denominadas periferias dos médios centros urbanos. Grande parte da população tem seu rendimento baseado na agricultura, setor da economia que movimenta os poucos fluxos existentes na cidade.

No que diz respeito à centralidade, percebemos que existe mais do que uma, mas a principal está em volta da área considerada centro urbano. A outra centralidade que possui fluxo de mercadorias e de pessoas (mas não possui os equipamentos urbanos necessários para ser considerada uma área central, como bancos e equipamentos públicos) é a BR-158 ou Avenida José Moser.

Diante das análises realizadas, destacamos que Peabiru necessita de políticas públicas para a melhora do centro urbano. Essa responsabilidade não cabe somente ao governo local, mas a um planejamento urbano que beneficie as pequenas cidades de todo o Brasil, pois as mesmas representam a moradia dos trabalhadores das

cidades médias, e também são fornecedoras de mão-de-obra e de alimentos que abastecem os médios e grandes centros urbanos.

Referências

BERNARDELLI, M. L. F. H. **Pequenas cidades na região de Catanduva-SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias**. 2004. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Globalização e Reestruturação da rede urbana: uma nota sobre pequenas cidades. **Território**. Rio de Janeiro, n.6, p.43-53. jan/jun, 1999.

_____. **O Espaço Urbano**. São Paulo. Editora Ática, 1989.

DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. En publicacion: **América Latina: cidade, campo e turismo**. CLACSO, **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, San Pablo. 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemons/08damiani.pdf>> Acesso em: 25 out. 2013.

ENDLICH, A. M. Rede urbana, urbanidade e as pequenas cidades: ensaiando a discussão. **Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos**. João Pessoa: AGB, 2002.

_____. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2006

FRESCA, T. M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. Londrina. **Mercator** - número especial, 2010: dez. p. 75 a 81.

IBGE, **Regiões de influência das cidades 2007**. IBGE, Rio de Janeiro, 2008.

JUNIOR, G. A. de O. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, 20 (1): 205-220, jun. 2008.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MILANI, P. H. e SILVA, E. A. Centralidade urbana, um estudo do centro principal de três lagoas – MS. **Revista Geografia em Atos**. São Paulo. UNESP. n.9 v.1, p. 1-10,2009. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/265/milani>> Acesso em: 6 de dez. de 2013.

MOURA, R. Qual o papel dos pequenos municípios na escala local do desenvolvimento. ENDLICH, A. M. e ROCHA, M. M. (Orgs.) **Pequenas cidades e desenvolvimento local**. Maringá: EDUEM, 2009, p. 15-40.

PEABIRU. LEI Nº 505/2005, Agosto de 2005. **Plano diretor de Uso e Ocupação do Solo do Município de Peabiru**. Peabiru-PR, Agosto de 2005.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **O espaço dividido**. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979a (Coleção Ciências Sociais).

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVEIRA, R.L.L. **Cidade, corporação e periferia urbana**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, RS. 2003.

SOUZA, M. L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**. Rio de Janeiro: ano III, nº 4, jan. - jun. 1998. P. 27 -37.

Recebido em: 23/08/2014

Aprovado para publicação em: 03/12/2014